



AS GUERRAS GERACIONAIS E SUAS APLICAÇÕES PÓS- WESTFÁLIA

Everton Lima

Mestrando em Geografia Política, planejamento e recursos naturais – USP

Resumo. O presente artigo busca tatear e dar entendimento das diretrizes funcionais de como se diferenciam e se configuram as mudanças geracionais de formas de guerra no pós-Westfália, onde se consagram os caminhos para a formação do sistema de Estados-nação. A partir disso institui-se uma contagem moderna da forma das tropas se organizarem no espaço e, a partir disso, se faz uma configuração de quatro modelos geracionais que possuem suas próprias capacidades de avanço ou manutenção dos postos no espaço até o modelo atual onde nos defrontamos com um “estado *hobbesiano*”, onde a capacidade de indumentária tecnológica coloca os atores da Geografia Política e da geopolítica em um constante estado de desconfiança mútua.

Palavras-chave: *hobbesiano*, guerras geracionais, guerras híbridas

GENERATION WARS AND THEIR POST-WESTPHALIAN APPLICATIONS

Abstract. This article seeks to grope and give an understanding of the functional guidelines of how the generational changes of forms of warfare in post-Westphalia are differentiated and configured, where the paths for the formation of the system of nation-states are consecrated. From that, a modern count of the way troops organize themselves in space is instituted and, from that, a configuration of four generational models is made that have their own capabilities for advancing or maintaining the posts in space until the current model where we we are faced with a “Hobbesian state”, where the ability to wear technological clothing puts the actors of Political Geography and Geopolitics in a constant state of mutual distrust.

Keywords: *hobbesian*, generational wars, hybrid warfare

Introdução

É costumaz, ao se adentrar aos assuntos da Guerra, apontar uma discussão da suposta existência de uma natureza humana e se faz, conseqüentemente, o toque à obra de Hobbes (2012) e, também, de outros contratualistas. O Leviatã aborda uma funcionalidade social de organização dos homens, no seu sentido como seres sociojurídicos. Portanto, ele aponta que essa organicidade jurídico-político social é nada mais que a tentativa de frenagem de um metabolismo comportamental basilar do ser: a natureza conflitante advinda do medo. O autor não define juízo de valor sobre esse estado natural do homem, não o classifica sobre adjetivos morais, apenas aponta que o medo é o fator que nos retira da inércia social e leva o homem a se organizar socialmente sobre determinada forma, o Estado. Hobbes fala acerca de uma natureza conflituosa do ser, derivada das causas que levam à discórdia: competição, desconfiança e busca pela glória e, através do contratualismo, conseguimos contornar esse comportamento e gerar mecanismos de proteção, promulgados pela renúncia ao estado natural. Essas fulguras da discórdia seriam as formas como olhamos o Outro. Através do Outro é que nos reconhecemos como existentes e, portanto, se enxergamos no Outro essa potencialidade de agressão, devemos imaginar que a recíproca se faz real.

A ideia de um “Nós contra Eles” é persistente nos arremedos políticos contemporâneos, na ascensão de resgates autoritários, nos flertes com o fascismo e na criação de um passado glorioso que remete a uma consciência coletiva, coisa essa que Mussolini fizera na Itália dos anos 1930 (Caron, 2015). Huntington (1996) descreve essa sensação do fervor chauvinista para além do sentido do indivíduo, adentrando ao caráter civilizacional e, com isso, dando a noção de que os conflitos atuais tenderiam a ser para além de autoproteção do corpo, mas se dariam no espaço da resistência perante uma ameaça externa que ameaça um estilo de vida, ou seja, da sua civilização. Porém, o que Korybko (2018) traz em sua obra é que existe um mescla comportamental de ambas tendências: O quesito da disputa centrada pela noção de pertencimento a um lugar, mas também um objetivismo geopolítico dessa posição como palco tático. Se nota uma disputa recente no espaço da Eurásia, em especial após a queda da URSS, essa disputa pode ser vista como um espaço onde estão as linhas de fronteiras de diferentes civilizações – ocidental; árabe-muçulmana; confuciana e ortodoxa –, o que Huntington chama de “choque de civilizações”. Além disso é possível notar um flerte com a desestruturação do acordo de Westfália, afinal

de contas, cada vez mais a ação do Estado se camufla, seja em ações descaracterizadas, como os *little green man's*¹ russos (Nechepurenko, 2022), seja na atuação de *big techs*², permitindo o questionamento de se a atuação permanece essencialmente estatal.

Essas formas indiretas do conflito, que se aglutinam mais fortemente nas chamadas guerras de quarta geração, são precedentes ao conceito, porém a formulação militar adotada na literatura da área tem sua gênese em Lind et al. (1988), onde se inicia formalmente sua utilização no jargão militar e em suas clivagens.

Mas, objetivamente, o que muda no campo de batalha no desenrolar dos modelos de conflito no tempo/espaço a serem analisados? Através das mudanças existentes nos quatro modelos de guerra descritos fica claro que o caráter organizacional das tropas faz uma total diferença nos resultados e também que a guerra se “desenvolve” de forma a se assemelhar ao que Kuhn (2017) descreve nas mudanças de paradigmas científicos. Não existem eventos messiânicos que transformem completamente a forma de combater o inimigo e sim uma gradativa e lenta modificação entre as batalhas até que as novas formas se tornem o novo padrão a seu adotado. Quando a primeira geração de guerra está se findando já vemos a estabilização de trincheiras modernas no terreno de confronto e quando a segunda geração surge visualizamos a dizimação das cavalarias, ainda utilizadas na forma geracional anterior, ou seja, a guerra se modifica com o emprego sequencial de testes e de dinâmicas novas, porém nem todas sobrevivem ao tempo e, cada vez mais, as formas diretas são desmontadas pela alta volatilidade não apenas do confronto *per se*, mas também da dinâmica geopolítica que adentra e perpassa os confrontos.

Clausewitz, o general prussiano que se ergue como um dos pilares dos estudos da guerra, fazia uma correlação não só próxima como igualável entre guerra e política, para ele: “a guerra não é meramente um ato de política, mas um verdadeiro instrumento político, uma continuação das relações políticas realizada por outros meios” (2010, p. 91). Ao fazer tal apontamento coloca-se a guerra como uma ferramenta da política, onde a primeira dá direcionamento de uma vontade cuja segunda não pode alcançar pelas formas mais comuns de sua funcionalidade. Assim sendo, conseguimos dar um direcionamento do “porquê” de um conflito.

A guerra deve ter uma motivação, ainda mais no estabelecimento do sistema de Estados-Nação, afinal ele compõe o que Hegel assimila como a estrutura máxima

¹ Atuação de soldados descaracterizados, sem insígnias de identificação.

² Empresas de tecnologia com capacidade de presença global e constante na vida cotidiana.

da organização social e, quando os interesses dessas formas se contrapõem, a mínima faísca pode levar ao enfrentamento (Mészáros, 2021).

O crivo de divisão geracional tem gênese pós tratado de Westfália, pois alguns autores entendem que esse momento define a realização dos exércitos profissionais como um atributo fixo da guerra através do Estado. A guerra antes disso podia ser feita por entidades menos organizadas e de formas mais difusas, onde poucos desses atores tinham uma coesão tática de ataque: “Poucas dessas entidades não-estatais possuíam algo que seria reconhecido hoje como um exército formal, marinha ou fuzileiros navais, embora os fuzileiros navais estivessem frequentemente representados na forma de homens lutando em galés” (Lind e Thiele, 2015, p. 9, tradução nossa).

Guerras de 1ª Geração – Confronto de Massas e avanço em linha com formação em colunas

O que não falta na história humana são guerras para se analisar, portanto, para cristalizar a forma da primeira geração, tomemos parte sobre a Guerra dos Sete Anos. Vinte e sete anos antes do nascimento de Clausewitz chegava ao fim esse confronto de proporções inéditas. Um fato inicial a se preponderar, no quesito tecnológico, é a utilização do mosquete de pederneira como “arma principal” do confronto, fato que se deu pela sua alta capacidade de disparos repetitivos, se comparado com as armas de fogo anteriores (Marston, 2001). Sobre a Guerra dos Sete anos, podemos visualizar o mesmo confronto se desenrolando em três diferentes frentes, em três continentes distintos, coisa pela qual autores como Baught (2014) a classificam como uma guerra de escala global:

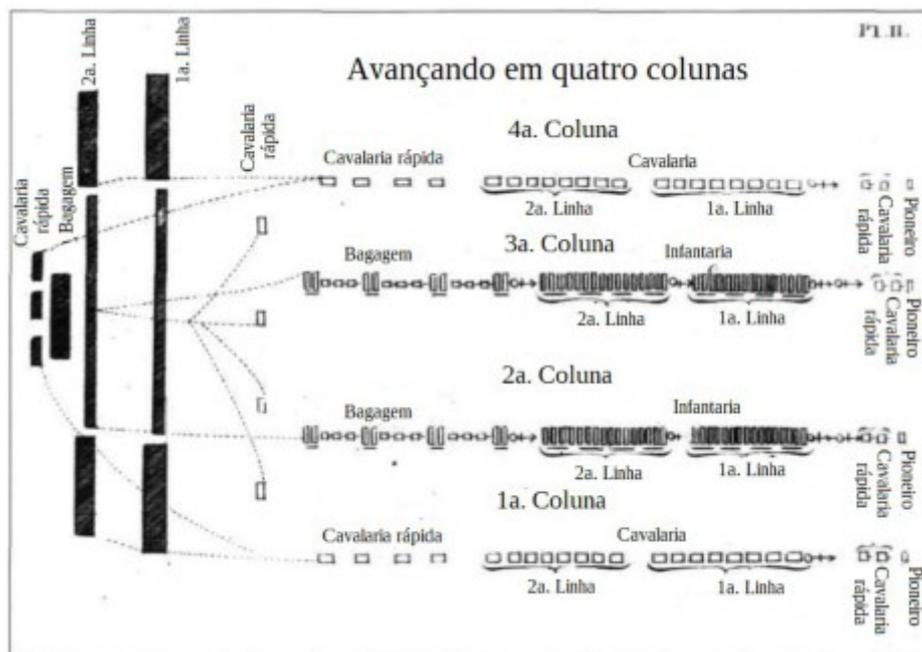
“Por volta da metade do século dezoito esses grandes rivais, as duas mais avançadas monarquias da Europa, eram ambas inclinadas a medir seu poder em termos não apenas de exércitos e território europeu, mas também pelo comércio marítimo, proeza naval e resistência financeira. Tal fato fez a Guerra dos Sete Anos uma competição marítima e global, assim como europeia” (p. 18, tradução nossa)

A Guerra dos Sete Anos possuiu uma frente em território europeu, uma norte-americana e outra na Índia. Na América do Norte já existiam conflitos e tensões anteriores, entre a *Nova França* e as Treze Colônias Britânicas, desde 1608, com a fundação do Quebec, que colocava oficialmente os franceses na disputa pelos recursos do Novo Mundo. Durante a batalha de Duquesne (Pittsburgh, Pensilvânia), em 6 de julho de 1758, o avanço dos britânicos foi fortemente atrasado e desmontado por dois fatores de grande importância na análise do desdobramento das tropas em campo: o primeiro foi o emprego de 900 nativos americanos nas tropas francesas, coisa que facilitava o conhecimento do terreno para os defensores, além disso também haviam 100 homens das tropas coloniais francesas e 200 de milícias franco-canadenses, o outro fator foi o avanço debilitado em terreno irregular, o que complicou a vida do coronel britânico Thomas Gage. O avanço em terreno na América do Norte trazia muito mais complicações do que no terreno, majoritariamente plano, europeu (ibidem, 2001)

Embora a diferenciação da disposição dos objetos e tropas e sua evolução no terreno seja focada nas diferenças entre o espaço físico europeu e norte-americano, a Guerra dos Sete Anos também possuía uma frente na Índia, mas como deixa claro Szabo (p. 289, tradução nossa): “Apesar dos eventos na Índia terem pouco impacto no curso da guerra, nunca era ruim para os britânicos ouvir boas notícias de lá também”. Não que os britânicos não se importassem com a frente indiana, ela apenas não tinha o mesmo peso geopolítico na mensuração de forças contra os franceses.

Como o mosquete de pederneira era uma arma pouco precisa, o quesito operacional de manter os homens abastecidos para repetirem os disparos continuamente era essencial e com isso surgem duas características importantes: as formações de combate e formações de avanço de tropas. O avanço em terreno europeu permitia linhas mais abertas e organizadas, enquanto no terreno norte-americano elas se comprimiam e, com isso, se tornava necessário uma constante manutenção e vigilância das laterais no avanço. (Marston, 2001).

Imagem 1 – Organização do avanço em terreno aberto.



Fonte: Ibidem, 2001. p. 17. Modificado pelo autor.

É possível notar na Imagem 1 o avanço na frente europeia e que durante esse processo de deslocamento e avanço de tropas a organização é encabeçada por duas linhas frontais de homens que a todo tempo são perpassados por um desprendimento constante de cavalaria rápida que se posiciona à frente dessas linhas em determinado momento e atrás delas em outro, além de se endereçar as linhas horizontais internas da formação, em um terceiro instante. O espaçamento existente entre as linhas horizontais deixa claro a presença de um vazio espacial proporcionado pela estabilidade física do terreno plano ou pouco modificado geomorfologicamente. As bagagens são levadas à frente das colunas horizontais e à frente da segunda linha vertical, entre essa mesma linha e a cavalaria rápida postada à frente dela. Ao adentrar ao combate as tropas se deslocam da posição de movimento e assumem a forma de colunas, onde se postam em posição de engate para o confronto.

Engels (2015) discorre, sobre a relação umbilical entre o exército, não apenas como disposição de campo mas também como estrutura do Estado, e a dependência aos fatores econômicos que propiciam melhores e mais desenvolvidos modos de combate, coisa essa que pode ser notada nos atores principais presentes neste confronto. Ambos países que centralizam essa

guerra (França e Grã-Bretanha) rivalizavam por fatores geopolíticos concernentes à influência na Europa e a presença nas colônias, ou seja, a presença ululante dos ditames da economia política é altamente palpável no embate. Tal disposição dos objetos no espaço (colunas, linhas, homens, cavalos etc) e suas modificações no espaço/tempo são frutos de dois fatores que os impulsionam e se relacionam contundentemente: a adoção progressiva de armas de fogo aos exércitos e os artificios militares proporcionados pelo desenvolvimento produtivo das burguesias desses países.

A guerra em território norte-americano era menos móvel, não só como consequência geomorfológica, mas também engendrava um modelo mecânico diferente de confronto, onde a batalha se fincava sobre a tomada e retomada de fortes ao longo das delimitações concernentes às Treze Colônias e a Nova França. Dois quesitos ímpares são os que se devem tecer olhares na frente norte-americana: a diferença na disposição dos objetos no espaço e o quesito de insurgência, proveniente da relação de territorialidade, que surgiu para aumentar o conhecimento da estrutura física do território.

Na questão da insurgência e da relação de territorialidade uma peculiaridade é narrada através do aprendizado de adaptabilidade ao combate de Robert Kirkwood:

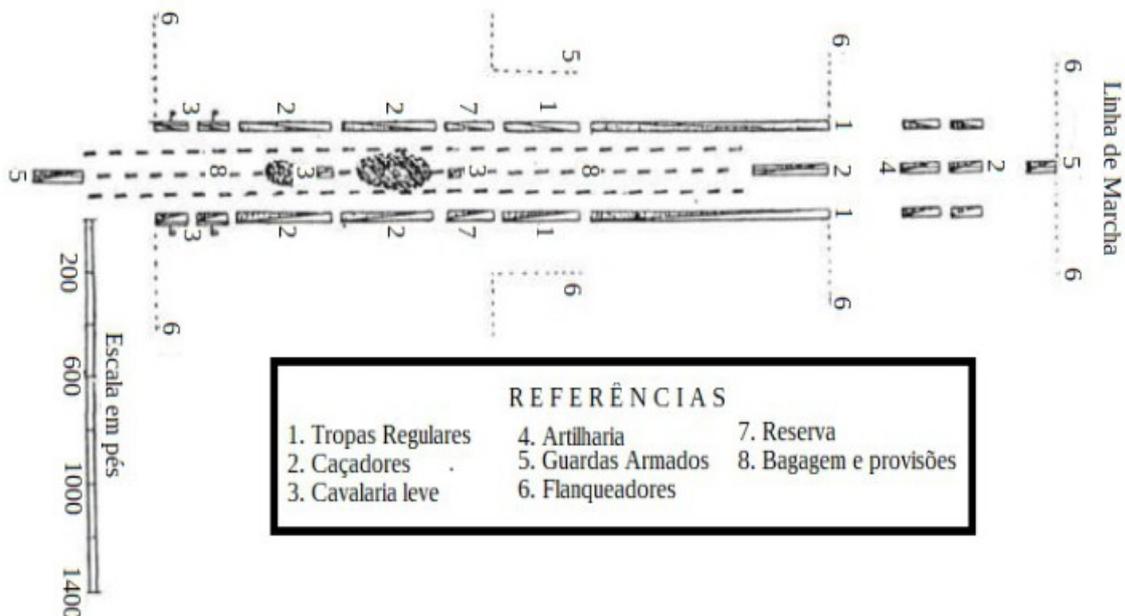
“Ironicamente, Robert Kirkwood recebeu seu ‘treinamento’ em infantaria leve de especialistas norte-americanos – os índios Shawnee que o capturaram. Feito prisioneiro no assalto fracassado do Major Grant ao Forte Duquesne em Setembro de 1758 (...) Kirkwood fora treinado no caminho da selva. Ele aprendeu a rastrear e emboscar além de se tornar eficiente no uso de canoas e sapatos de neve”.
McCulloh e Todish (2004, p. 17-18, tradução nossa)

Essa peculiaridade do “treinamento” de Kirkwood o fez entender que o domínio de conhecimento do terreno é de grande importância ao atacante e, com isso, ele foi reconhecido como portador de conhecimentos e proficiências diferenciadas. Também, salientam os autores, que o treinamento das infantarias não era padronizado: “Dois batalhões de infantaria leve diferentes não recebiam treinamento igual pois não existia doutrina escrita” (McCulloh e

Todish. p.18, tradução nossa), o que também gerava diferentes tipos de engates de tropa, que se somados a próxima etapa a se discutir, a diferença de terreno e organização no mesmo, multiplicam a dificuldade de combate dos soldados. O mesmo Kirkwood, em agosto de 1758, conduziu um reconhecimento ao mesmo Forte Duquesne acompanhado de um grupo de guerreiros Cherokees, liderados pelo chefe Little Carpenter, contra franceses e Shawnees em aliança, tempos após o reconhecimento do Brigadeiro general John Forbes, em carta a seu segundo comandante Henry Bouquet, sobre a importância da adoção e dos métodos de guerra dos povos indígenas locais (McCulloh e Todish, p. 20).

O terreno em solo norte-americano não era privilegiado pela planaridade que a Europa Ocidental propunha ao conflito simétrico e formal, portanto, as tropas precisavam, não só lidar com a supracitada diferença de estilo de combate, mas com a diferença de progressão da mobilidade em campo. O terreno irregular deixava as tropas mais propensas a ataques pelos flancos e, conseqüentemente, as comprimia e tornava suas laterais mais guarnecidas pela diminuição do campo de visão.

Imagem 2 – Organização do avanço em terreno acidentado.



Fonte: Marston 2001, p. 18. Modificado pelo autor.

No terreno norte-americano a compactação da coluna de avanço é sempre acompanhada por grupos, em ambos os lados, de flanqueadores e no meio por um grupo de guardas armados próximos as bagagens e provisões, que aqui são colocadas ao centro da coluna e a frente e as costas da cavalaria leve e não mais a frente, como no avanço na frente europeia. A cavalaria leve também compõe a última linha de defesa antes dos flanqueadores. A parte da frente também é composta por flanqueadores e guardas. Tal disposição no espaço deixa claro que o fator de alerta está muito mais tensionado que em terras europeias. Os homens estão a todo tempo guarnecidos e alertas pela perda de visibilidade causada pela geomorfologia local.

As diferenças de terreno não tornam o modelo geracional de guerra diferente, porém, demonstram sua necessidade de adaptabilidade às funções físicas do terreno. Lacoste (1988) analisa as diferenças operacionais entre o conhecimento dos camponeses guerrilheiros contra a capacidade estratégica de ação do Estado sobre escalas superiores durante a guerra da Indochina. Por mais que o Estado estadunidense possuísse uma capacidade de ação em escala privilegiada, coisa que foi aproveitada na explosão dos diques que cortaram o abastecimento de água dos guerrilheiros, os insurgentes tinham o conhecimento territorial que os permitiu operar de forma intermitente. A dificuldade de operar em território norte-americano na Guerra dos Sete Anos levou a incorporação do conhecimento do terreno dos indígenas a ser adotada no leque tático dos homens da guerra e isso demonstra que ambas abordagens possuem sua estrutura de vantagem onde ser aplicada. O domínio de escalas superiores dá vantagens que a territorialidade não fornece e vice-versa.

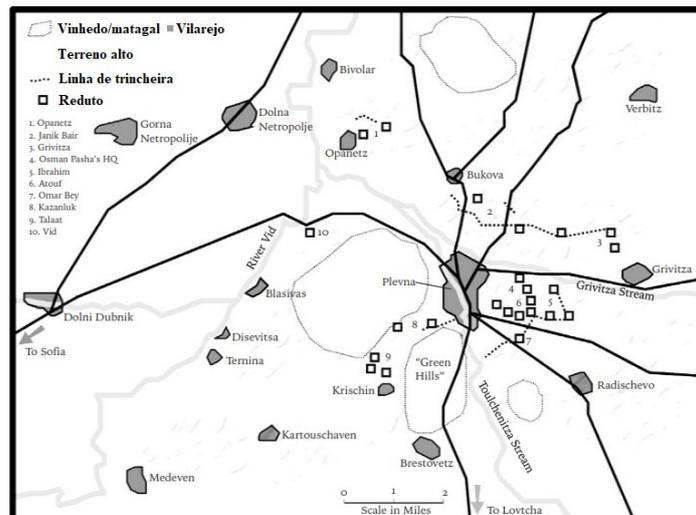
Guerras de 2ª Geração – Trincheiras, tensão e o esgarçamento do confronto

Como assinala Murray (2013): “Trincheiras são a forma mais familiar de fortificações de campo utilizadas entre 1740 e 1914”, porém, dois conflitos são fundamentais para a calcificação da trincheira como baluarte da Primeira Guerra Mundial – onde ela se consagra como modelo geracional –, o Cerco de

Petersburg, na Guerra Civil Americana e o Cerco de Plevna, na Guerra Russo-Turca de 1877-78.

O Cerco de Plevna, em especial a Terceira batalha de Plevna, permitiu que os otomanos se ficassem no território e impedissem, através do uso extensivo de fortificações de campo, o avanço dos russos e romenos na cidade, o que deixaria livre o avanço à Constantinopla (Ibidem. p. 28). Como demonstra a Imagem 3, o cerco de Plevna se valeu de trincheiras, com extensão de cerca de quatro milhas e meia à Nordeste e a Sudeste do centro da cidade e uma fortificação natural de vinhedos e matas a Oeste e Sul, além de uma linha menor de trincheiras entre eles. Por fim, existe a passagem dos córregos dos rios Tuchenitza e Grivitza à Noroeste. A combinação de fatores naturais com as fortificações militares deu essa vantagem de terreno aos otomanos, o que demonstrou a grande capacidade defensiva da utilização de trincheiras, além de permitir que a própria tecnologia de trincheiras fosse desenvolvida, assim como as capacidades militares do atacante para burlá-las. No caso da Guerra Russo-Turca temos a introdução do uso do morteiro de 6 polegadas *m1885* pelo exército russo. A capacidade de força operativa do modelo utilizado pelos otomanos pode ser verificada pela diferença de perda de homens: “Essa tentativa final de tomada da cidade custou aos russos cerca de 20.000 homens. As baixas turcas também foram pesadas, entre 8.000 e 10.000 homens” (Dowling, 2015, p. 645, tradução nossa).

Imagem 3 – Fortificações na Terceira batalha de Plevna.



Fonte: Murray, 2013, p. 70. Modificado pelo autor.

Se os europeus viram a potencialidade das trincheiras em 1877, os norte-americanos já a tinham visto treze anos antes, durante o cerco de Petersburg, na chamada campanha Richmond-Petersburg. Nesse confronto pode ser apontada a gênese do modelo de trincheira moderna que viria a ser adotado na Primeira Guerra Mundial. O avanço do tenente-general Ulysses S. Grant fora travado na cidade de Petersburg, na Virgínia, e, com isso, ele teve a ideia de se assentar no território cavando trincheiras. O conflito durou nove meses e levou à construção de 48 km de escavações, que visavam cortar o abastecimento das tropas de Robert E. Lee, líder das tropas confederadas (American Battlefield Trust, c2022). A duração do conflito pode até mesmo se equiparar ao dos antigos cercos medievais aos castelos, que duravam tempos indeterminados e levavam a exaustão de um dos lados e, que nesse caso, as tropas exauridas foram as de Lee, que recuou de Richmond e Petersburg e, em abril de 1865, se rendeu. As baixas foram de 42.000 *yankees* contra 28.000 confederados (Hess, 2009).

A lógica do uso da trincheira é, ao mesmo tempo, se fixar em determinado ponto do terreno, garantindo seu domínio e fixação em toda faixa postada atrás da fortificação e, também, a garantia de impossibilidade do avanço inimigo. O confronto se torna menos dinâmico e a tensão é esgarçada no tempo, tornando áreas como a *no man's land*³ verdadeiros cenários *hitchcockianos* do mundo real.

Guerras de 3ª Geração – *Blitzkrieg* e a explosão tática

É possível apontar uma cisão geracional entre a França e o projeto nazista alemão, a primeira ficou aprisionada aos projetos militares da Primeira Guerra Mundial e o segundo adentrava aos ventos da Segunda Guerra Mundial com uma reestruturação militar e tecnológica. Em uma leitura bem postada no materialismo dos fatos é possível apontar que a inércia de inovação das formas da guerra levou os franceses a serem surpreendidos pelo ataque da *blitzkrieg* alemã:

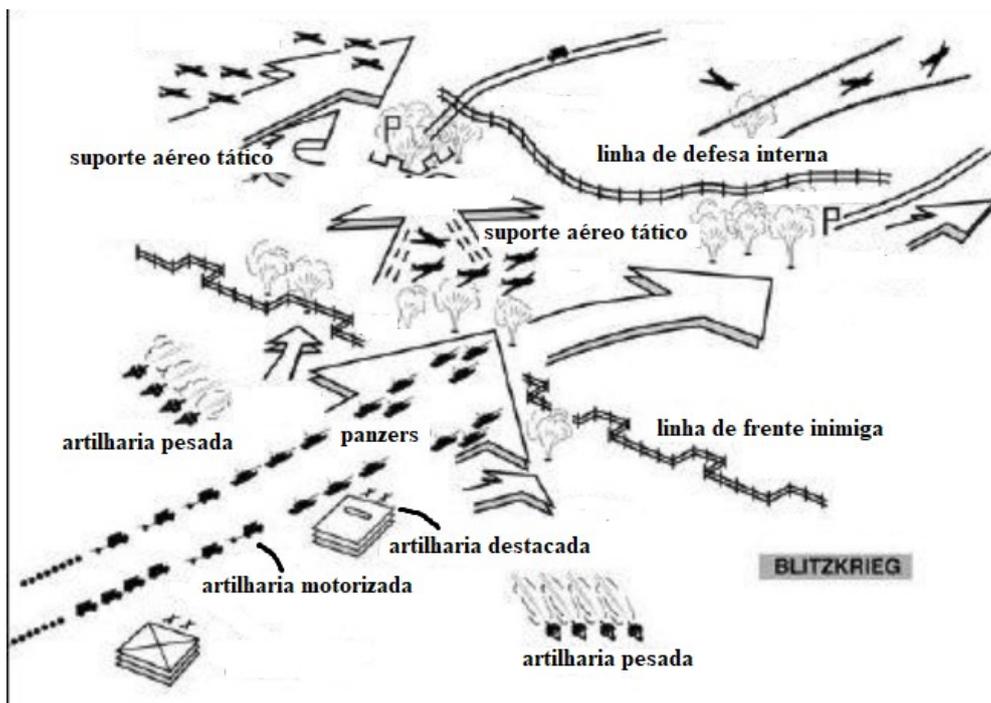
³ Área entre as duas linhas de trincheiras inimigas onde a presença era certeza de se tornar alvo de disparos.

“A batalha no Ocidente que definiu o futuro da França foi uma luta entre duas gerações. Uma, a mais velha, descansou nos louros que ganharam na guerra de 1914-18. Uma geração conhece seu tempo, e nada mais. Essa geração foi enfrentada e vencida por outra geração de soldados, que usaram a guerra de 1914-18 apenas como uma escola” (Miksche, 1941, p. 17, tradução nossa)

Isso demonstra que a capacidade de inovação técnica, organizacional, tecnológica etc é fundamental aos exércitos que desejam sobreviver ao tempo. Se o modelo geracional anterior era formulado no tensionamento e no esgarçamento do tempo, fazendo com que a ansiedade fosse o sentimento central do conflito, a *blitzkrieg* era a euforia. Os nazistas agiam como uma flecha, destroçando e confundindo os inimigos antes de quaisquer chances de se postarem no terreno. O ponto de pressão do ataque se iniciava com os tanques, que forçavam o avanço sobre as defesas inimigas, em seguida vinha a entrada da divisão motorizada com os buracos criados nas linhas defensivas do adversário e, por fim, a implementação do trabalho final de ataque dos soldados (Miksche, 1941, p. 107-08).

A esquemática de atuação da *blitzkrieg* pode ser descrita através da Imagem 4, onde é possível notar como a linha de frente inimiga é desestruturada, abrindo espaço para as artilharias motorizadas, enquanto as artilharias pesadas e o suporte aéreo tático fazem a função de manutenção do avanço e garantidores de que a ação rápida não seja interrompida. A velocidade do avanço é o coração desse modelo organizacional, se nos modelos anteriores o avanço das tropas era ritmado ou nulo, quando entrincheirados, aqui ele era extremamente acelerado pelas divisões panzer e pelas artilharias motorizadas.

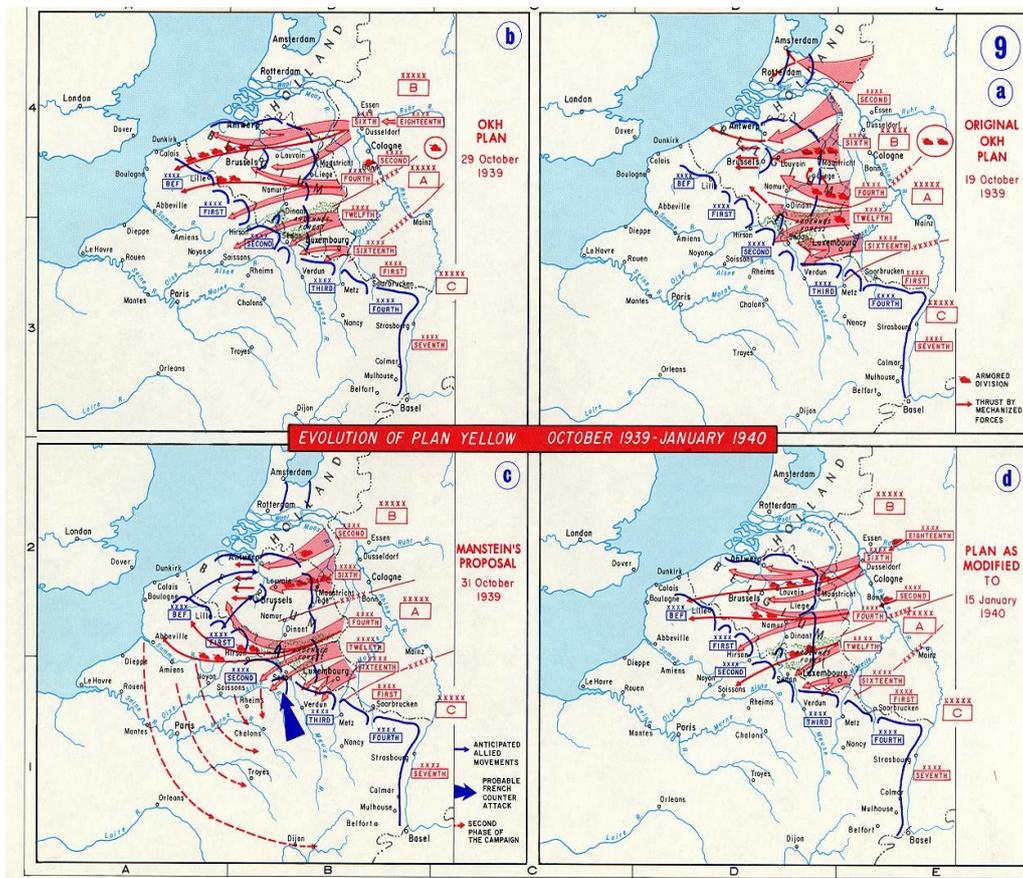
Imagem 4 – Modelo de atuação da *blitzkrieg*



Fonte: Kershaw, 2010, p. 181. Modificado pelo autor.

Durante os anos 1930, os franceses construíram a chamada Linha Maginot, uma série de fortificações com o objetivo de proteger uma possível invasão germânica, porém, como salienta Beal (2017), com a violação dessa linha de defesa, que tinha uma relevância ímpar, os franceses viram seu território ser cortado pelo meio no avanço nazista e as tropas foram empurradas para a costa, em direção ao canal da Mancha, até o ocorrido no resgate de Dunkirk. Em seis semanas, os nazistas quebraram a linha inicial de defesa dos franceses, tomaram o território, expulsaram as tropas, obrigaram o dispêndio de forças de uma epopeia militar para o resgate dos soldados cercados em Dunkirk e forçaram, por fim, a rendição dos franceses. O plano Yellow (Imagem 5), engendrado pelo tenente-general Eric von Manstein, foi um sucesso.

Imagem 5 – Avanço nazista até o resgate de Dunkirk



Fonte: United States Military Academy, 2003⁴.

Porém, Citino (2011), avalia que a Segunda Guerra Mundial se desenrola em dois momentos distintos. Um primeiro, entre 1939 e 1941, onde o emprego das táticas militares dos nazistas se sobrepôs sobre o território europeu e forneceu a Hitler a possibilidade de avanço sobre os domínios da

⁴ Disponível em: <https://web.archive.org/web/20030710041330/http://www.dean.usma.edu/history/web03/atlases/ww2%20europe/ww2%20europe%20pages/ww2%20europe%20map%2009.htm>

Europa ocidental. E o segundo momento, onde começa a virada das forças aliadas até a marcha soviética sobre a capital alemã. O surgimento dessa tática nazista não é algo vindo do nada, mas sim um processo progressivo bem postado historicamente.

Durante a aurora da Primeira Guerra Mundial as cavalarias foram dizimadas pelas artilharias fixas, por serem lentas e frágeis em demasiado para surpreenderem o inimigo, agora, durante o alvorecer da Segunda Guerra Mundial e os anos de interlúdio entre os dois grandes eventos, os nazistas haviam incorporado à *Luftwaffe* os tanques bem equipados, resistentes e rápidos e, associado a isso, existia o mote de avanço dos veículos motorizados e da utilização do suporte aéreo. O que a cavalaria não conseguia ser capaz, os tanques não falharam em cumprir: um avanço veloz e fatal, sem chances de ter seus cavaleiros, ou soldados, dizimados.

O modelo da *blitzkrieg* não se finda durante na Segunda Guerra Mundial, mas alguns fatores são importantes de se pontuar durante seu *aufrollen* (desenrolar) nesse conflito, o primeiro deles é a tática soviética de contenção do avanço nazista sobre seu território. O recuo das tropas soviéticas, atrelado a táticas de terra arrasada, fez com que os nazistas tivessem mais baixas de tanques provenientes das condições das estradas e do terreno do que em combate (Stahel, 2009). Conforme se adentravam no território soviético mais complicado ficava a volta e mais energia era disposta no avanço, até que as batalhas de Kursk e Stalingrado se tornaram os pontos de inflexão e virada dos ventos da guerra (Roberts 2002; Healy, 2000). Um outro fator é o soerguimento das forças irregulares como uma concretude da batalha. Não se deve achar que o uso de forças irregulares tem sua gênese aqui, ele coexiste há muito com o combate por forças regulares, mas como aponta Miksche (1950, p. 46, tradução nossa): “Na Rússia, assim como na Europa ocidental, foi o confronto entre exércitos regulares que levaram a decisão final, mas em ambos casos os bandos irregulares foram de forte ajuda”. A utilização de forças irregulares e guerra não convencional foi algo pulsante no decorrer das batalhas.

A tendência de focalizar nos exércitos regulares em palco europeu, por muitas vezes, torna diminuto a complexidade e extensão do confronto real. As

táticas implantadas nas campanhas do norte da África e da frente Oriental trazem tantos ensinamentos quanto a centralidade analítica que recaíra sobre o avanço nazista em sua política ideológica sobre o velho continente.

Guerras de 4ª Geração – Espectro total e o desvanecimento da figura do Estado no confronto

O termo, cunhado por Lind et al (1989), não possui uma terminologia objetiva e completa de suas táticas e formas e está em constante evolução de literatura (Lind e Thiele, 2015). A quarta geração de guerras associa-se e se utiliza de diversas táticas já empregadas pelos modelos anteriores, mas com um acréscimo: um potencial deslocamento do mundo militar ao mundo civil, a tática não fica mais sequestrada aos domínios dos generais de guerra, soldados, oficiais etc. Assim, a capacidade de um único indivíduo ter potencialidade de causar estragos significativos se torna um trunfo poderoso nesse modelo. Além disso, as funções indiretas se tornam cada vez mais importantes no emprego do espectro total. Ou seja, a permanência ou infiltração no território deve tentar cooptar a vontade popular e os meios possíveis a isso são sempre bem-vindos, um exemplo disso ocorreu em um gesto de engenharia social ocorrido em uma cidade xiita, no Iraque, durante a Segunda Guerra do Golfo:

“Em um caso, fuzileiros navais norte-americanos ocuparam uma cidade xiita no Sul do Iraque. Um fuzileiro naval que liderava uma patrulha pela cidade quando se deparou com o funeral vindo em sua direção. O fuzileiro ordenou a seus homens que ficassem de pé e retirassem seus capacetes como sinal de respeito. O relato rapidamente se espalhou pela cidade, e ajudou os fuzileiros a serem vistos como libertadores. Isso se tornou um impacto estratégico, pois a estratégia estadunidense dependia em manter o Sul do Iraque xiita em ordem para que as linhas de suprimento estadunidenses passassem pelo território” (Lind e Thiele, 2015, p. 26, tradução nossa)

Esse ato cordial dos militares no local implanta a questão da aceitabilidade dos moradores, que podem ou não deferir. E, além disso, em uma possível escalada de tensão, que levasse ao uso do poder de fogo, a

tendência é que a opinião internacional condenasse a atuação dos soldados, portanto, o uso da cordialidade – um sentimento de ativação sobre uma determinada população – é mais vantajoso do que a não-ação ou a manutenção de uma tensão fria. Esse exemplo supracitado ocorreu durante a “Operação Liberdade Iraquiana”, no avanço dos Estados Unidos sobre o Oriente Médio, após o 11 de Setembro, que fora a utilização de uma tragédia nacional para justificar intervenções militares descompensadas em países hostis a atuação dos norte-americanos, ou seja, uma ativação de um sentimento, sobre determinada população, em prol de um objetivo geopolítico. O governo estadunidense usou o sentimento interno de vingança para outorgar a ação imperialista e o de respeito para facilitar o trânsito de suas tropas no território ocupado.

Durante as fases iniciais de invasão estadunidense ao Iraque ocorria um outro evento de uso de tática de guerra de quarta geração. As torturas imputadas na prisão de Abu Ghraib incluíram violação física, abusos sexuais e humilhação a prisioneiros capturados em condições questionáveis. O assassinato do cidadão iraquiano Manadel al-Jamadi também foi fruto da atuação de soldados responsáveis pela captura desses suspeitos em conluio com a CIA (Hersh, 2004; Benjamin e Scherer, 2003). Mas a tortura, assim como a tentativa de criar relação entre soldados e moradores de áreas ocupadas, já existira há muito. Então, o que faz esses exemplos característicos de uma nova fase geracional de guerra? Ambos fazem parte das chamadas *Psychological Operations (PsyOps)*. As PsyOps tem objetivo, além de extrair informações pontuais, desestabilizar emocionalmente os alvos e cooptar grupos para não se rebelarem contra a atuação dos invasores, ela direciona a máxima de que o combate regular só é acionado em último caso, ou seja, todas as outras opções do leque de atuação devem preceder esse momento final.

O que é uma guerra de quarta geração? É o desbalanceamento do modelo tradicional, onde as linhas da legalidade e do uso de tropas regulares é substituído por confrontos indiretos, descaracterização, *Psyops* etc.

A força de atuação dos Estados-nação é, ao mesmo tempo, fomentadora e subordinada às forças do capital internacional, através de empresas multinacionais que conseguem utilizar o Estado num duplo movimento de troca de interesses, com a expansão dessas empresas ficando associada aos interesses geopolíticos desses Estados. Em síntese máxima, a guerra de quarta geração, para Monteiro (2017, p. 5 – 6):

“se caracteriza por um esbatimento das fronteiras entre a guerra e a paz, e por um regresso à conflitualidade típica da era pré-moderna, com o estado-nação a perder o monopólio da ação militar, devido ao envolvimento de atores não-estatais (como grupos de guerrilha, grupos insurgentes, terroristas, etc.).”

Quando Korybko (2019) aponta que os Estados Unidos são o único país a perpetrar a guerra híbrida (modelo existencial de um avanço de guerra de quarta geração) não foge ao campo do que Arrighi (2007) aponta como uma disputa pelo *hegemon*. A existência do Estado como aparelho repressivo de uma classe também é a promulgação dos interesses dessa classe dominante, classe essa que não se furta da guerra para clivar seus interesses geopolíticos. A indiferença de outrora, acerca da independência dos países colonizados, apenas fora substituída pela imputação de uma “ocidentalização” desses povos através do que Korybko lê como “revoluções coloridas”. Onde antes se levava o argumento progressista da necessidade da modernização, agora agem os discursos vazios da ocidentalização e dos moldes de vida ocidental. Mas, voltando à acusação inicial, não são apenas os Estados Unidos que promovem tal feito, ele apenas é o portador das forças iniciais que o autor se implica a estudar. Quaisquer Estados imperialistas têm em sua vontade a potencialidade de exercer uma Guerra Híbrida, coisa que a Rússia também é acusada de promover por autores como Hofman (2022).

Hardt e Negri (2001) apontam uma tendência globalizante do imperialismo como fenômeno, o que formaria uma conceituação de Império – uma força geral de ação do mecanismo sociometabólico vigente que atua acima do Estado e é descentralizado –, porém nos furtaremos de tal

abordagem aqui, já que é possível visualizar forças distintas atuando na disputa por um mesmo território, como na Guerra Russo-Ucraniana, que tem, em suas primeiras fulguras, análises presentes na obra de Korykbo, e agora possui a atuação de uma Rússia de ideologia fortemente influenciada por Alexandr Dugin e sua quarta teoria política (2012) contra a resistência ucraniana, dotada de sentimento chauvinista e ocidentalista, além do apoio de instituições promotoras das vontades ocidentais, como a OTAN. No caso Russo-Ucraniano a conceituação hegeliana (Hegel, 2010), do Estado-nação autônomo como organização “em si e para si” (p. 301) e de onde o povo configura sua racionalidade substancial, demonstra possuir mais luzes ao materialismo do que obra de Hardt e Negri. Isso não configura a noção hegeliana como fato total, mas como concretude ao nosso tempo e, em especial, ao caso citado. (Mészáros, 2021)

Arrighi (2007), ao colocar sua leitura acerca dos ciclos sistêmicos de acumulação faz demonstrar que a posição norte-americana de *hegemon*, na conjuntura atual, tem encontrado um desgaste contínuo, coisa essa que abre precedentes de ação aos países que possuam capacidade e vontade de questionar essa força, assim como dá aos interesses geopolíticos americanos uma potencialidade de demonstração de forças. Isso é corroborado com a afirmação de Meszáros (2021) acerca dos empreendimentos aventureiros que os Estados tendem assumir quando percebem uma queda da sua capacidade de dominância.

O duginismo russo tem fortes heranças de Mackinder e Haushofer, além de leituras baseadas em Huntington (Lopes et al 2017). Esse neo-eurasianismo configura as vontades expansionistas russas em resgate de uma geopolítica clássica, que vai de embate à expansão da OTAN nos antigos redutos soviéticos. Os elementos espaciais estão dispostos no território eurasiático e a potencialidade de intervenção dos *players* está dada, o decorrer é o que presenciamos.

Agora que cravamos a guerra de quarta geração como uma forma de guerra que pode levar ao questionamento da posição de *hegemon* do sistema mundo associado aos desejos expansionistas, seja territorialmente, seja por

zonas de influência, partir-se-á ao quesito operacional de sua mais célebre forma atual: A guerra híbrida.

Primeiro, direcionar-nos-ei a ideia de guerra híbrida. Tomamos o posicionamento de Ball (2019), que lê o fenômeno como uma ação coordenada entre forças convencionais e não-convencionais. Na falha dos avanços das forças não-convencionais uma trilha vai se estabelecendo até o uso das forças convencionais, em último caso.

Após o 11 de Setembro de 2001, o governo de George W. Bush, instaura a chamada “Guerra ao Terror” e alguns dos instrumentos mais fortes da guerra híbrida estão presentes nas ações estadunidenses derivadas dessa política de Bush. O discurso de que o terrorismo deveria ser exorcizado da face da terra serviu para alavancar o alcance de medidas como o Patriot Act, de 2001, e o The Stored Communications Act (SCA), criado em 1986, medidas essas que serviriam para calar opositores e denúncias de crimes cometidos pelos governos norte-americanos (Assange, 2015). Surge a criação de uma estrutura das redes baseadas na perda da privacidade, outorgada por esses atos supracitados, onde uma falsa sensação de neutralidade da tecnologia e da internet, em específico, era posta. A isso estamos nos referindo às associações entre o governo norte-americano e as chamadas *big techs* como Amazon, Google, Microsoft, Twitter e suas atuações, principalmente após 2004 (AGENCE FRANCE-PRESSE, 2021).

Para clarear o compilado de ideias: as guerras de quarta geração são o desvanecimento da presença estatal nas ações militares e provoca a colocação do estado perpétuo de desconfiança que remete a uma ideia *hobbesiana* da situação atual na Geografia Política. Enquanto isso, a guerra híbrida, uma forma de guerra de quarta geração, se coloca como uma ação que se utiliza do esvanecimento das linhas da legalidade para agir progressivamente na atuação psicológica e ideológica até o avanço direto e formal. O caso ucraniano e seu desenrolar desde 2014, para alguns até mesmo desde 2005, demonstra essa empregabilidade do método.

Considerações finais

É possível evidenciar um processo evolutivo da guerra e do deslocamento do conhecimento do território e da capacidade de manutenção e avanço das tropas em direção a uma espécie de abstração do conflito formal. Cada vez mais as linhas da legalidade se esgarçam e as pontuações entre ação militar e civil se tornam igualmente potenciais em um ataque. O quesito organizacional, porém, só tende a um aumento de complexidade no tempo e no espaço, aumento esse que cada vez mais adentra a vida cotidiana das pessoas, já que o estado *hobbesiano* ativa sentimentos chauvinistas, islamofóbicos, racistas etc. A guerra, em sua fulguração de quarta geração, torna as assimilações *clausewitzianas* altamente pulsantes, demonstrando que a tendência de extrapolação da política é mais sutil e nublada do que nos modelos anteriores. Não que o estado de desconfiança e insegurança não existisse entre os atores do sistema-mundo, a questão é que agora esse chamado estado *hobbesiano* se infiltra na realidade das pessoas e nas reproduções sociais diárias (re)ativando tendências fascistas, como o chauvinismo e o resgate de um “passado glorioso”.

Referências

AGENCE FRANCE-PRESSE. Tech giants like Google, Amazon made billions through US military contracts during ‘war on terror: report. AFP, [S. l.], p. 1-, 10 set. 2021. Disponível em: <https://www.scmp.com/news/world/united-states-canada/article/3148356/tech-giantsgoogle-amazon-made-billions-through-us>.

Acesso em: 29 de Setembro de 2022.

AMERICAN BATTLEFIELD TRUST. Petersburg: Assault on Petersburg. C2022. Disponível em: <https://www.battlefields.org/learn/civil-war/battles/petersburg>.

Acesso em: 02 de Outubro de 2022.

ARRIGHI, G. O longo século XX: dinheiro, poder e as origens de nosso tempo. São Paulo: Unesp, 1996.

ASSANGE, J. Quando o Google encontrou o Wikileaks. São Paulo: Boitempo, 2015.

BALL, J. What is Hybrid Warfare?. Global security review, [s. l.], p. 1-4, 2019. Disponível em: <https://globalsecurityreview.com/hybrid-and-non-linear->

[warfare- systematically-erases-the-divide-between-war-peace/#](#). Acesso em: 1 de Outubro de 2022.

BAUGHT, D. The global Seven Years War 1754-1763: Britain and France in a great power contest. U.K.: Routledge, 2011.

BEAL, L. I. A *blitzkrieg* e a transição tecnológica: decorrências para a Alemanha nos níveis do planejamento de guerra. Orientador: Prof. Dr. José Miguel Quedi Martins. 2017. 90 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado – Relações Internacionais) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, BR-RS, 2017.

BENJAMIN, M; SCHERER, M. "Other government agencies".Salon, [S. l.], p. 1-6, 4 mar. 2006. Disponível em: https://www.salon.com/2006/03/14/chapter_5/. Acesso em: 27 de Setembro de 2022.

CARON, Giuseppe Rafael. Discursos de Benito Mussolini: Permanências e Mudanças (1919-1922). Orientador: Prof. Dr. Antônio Pedro Tota. 2015. 126 p. Dissertação (Mestrado, História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015.

CITINO, Robert. The War Hitler Won: The Battle for Europe, 1939-1941. Military and strategic studies, Texas, v. 14, n. 1, p. 1-18, 2011.

CLAUSEWITZ, C. Von. Da guerra. São Paulo: WMF Martins Fontes, 3ª ed., 2010.

DOWLING, T. C. Russia at War: From the mongol conquest to Afghanistan, Chechnya, and beyond. California: ABC-Clio, 2015.

DUGIN, Alexander. The Fourth Political Theory. London: Arktos, 2012.

ENGELS, F. Anti-Duhring. São Paulo: Boitempo, 2015.

HARDT M.; NEGRI A. Império. Rio de Janeiro: Record, 2001.

HEALY, M. Kursk, 1943: The tide turns in the East, U.K.: Osprey Publishing, 2000.

HEGEL, G. W. F. Linhas fundamentais da filosofia do direito, ou, Direito natural e ciência do estado em compêndio. São Leopoldo – RS: UNISINOS, 2010.

HERSH, S. M. Chain of Command: How the Department of Defense mishandled the disaster at Abu Ghraib. The new yorker, New York, p. 1-12, 9 maio 2004. Disponível em:

<https://www.newyorker.com/magazine/2004/05/17/chain-of-command-2>. Acesso em: 01 de Outubro de 2022.

HESS, E. J. In the trenches at Petersburg: field fortifications and confederate defeat. North Carolina: University of North Carolina Press, 2009.

HOFMAN, F. A guerra híbrida russa contra a Ucrânia. Deutsche Welle, [S. l.], p. 1-7, 17 fev. 2022. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/a-guerra-h%C3%ADbrida-russa-contra-a-ucr%C3%A2nia/a-60819110>. Acesso em: 28 set. 2022.

HUNTINGTON, S. The clash of civilizations. Sydney: Simon & Schuster, 1996.

KERSHAW, R. War without garlands: Operation Barbarossa 1941-1942. U.K.: Ian Allan Publishing, 2010.

KORYBKO, A. Guerras Híbridas: das revoluções coloridas aos golpes. Expressão Popular: São Paulo, 2018.

KUHN, Thomas S. A Estrutura das revoluções científicas. 13. ed. São Paulo: Perspectiva, 2017.

LACOSTE, Y. A Geografia: Isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra. Campinas: Papyrus editora, 1988.

LIND, W. S.; NIGHTENGALE, C. Keith; SCHMITT, C. J. F.; SUTTON, C. J. W.; WILSON, L. C. G. I. The Changing Face of War: Into the Fourth Generation. Marine Corps Gazette, [s. l.], p. 22-26, 1989.

LIND, W. S.; THIELE, G. 4th Generation Warfare Handbook. Finlândia: Castalia House, 2015. 117 p.

LOPES, S. R. G.; AZEVEDO, B. M.; CAMPOS, F. L. S. Neo-Eurasianismo, geopolítica e a política externa dos EUA à URSS durante a Guerra Fria. Revista Brasileira de Estudos de Defesa, [S. l.], v. 4, n. 1, 2018. DOI: 10.26792/rbed.v4n1.2017.72786. Disponível em: <https://rbed.abedef.org/rbed/article/view/72786>. Acesso em: 1 out. 2022.

MARSTON, D. The Seven Years' War. U.K.: Osprey Publishing, 2001.

MCCULLOCH, L. C. I.; TODISH, Tim. British Light Infantryman of the Seven Years' War: North America 1757-63. U.K.: Osprey Publishing, 2004.

MÉSZÁROS, I. Para além do Leviatã: Crítica do Estado. São Paulo: Boitempo, 2021.

MIKSCHE, F. O. Secret forces: the technique of underground movements. Faber and Faber Limited, 1950.

MIKSCHE, Ferdinand Otto. *Blitzkrieg*. 1. ed. U.K.: Faber and Faber Ltd, 1941.

MONTEIRO, L. N. da C. S. Guerras de 4ª geração. *Revista Militar*, n. 2591, p. 1001-1014, Dez, 2017.

MURRAY, N. The rocky road to the Great War: the evolution of trench warfare to 1914. Virginia: Potomac Books, 2013.

NECHEPURENKO, I. On the ground: A column of Russian vehicles, and soldiers without insignia. *The New York Times*, 2022. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2022/02/21/world/europe/on-the-ground-a-column-of-russian-vehicles-and-soldiers-without-insignia.html>. Acesso em: 04 de Outubro de 2022.

ROBERTS, G. Victory at Stalingrad. U.K.: Routledge, 2002.

STAHEL, D. Operation Barbarossa and Germany's defeat in the East. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

SZABO, Franz A. J. The Seven Years War in Europe: 1756-1763. U.K.: Routledge,